

EDITORIAL DA REVISTA MENTAL, BARBACENA: UNIPAC, V. 15, N. 27, JAN.-JUN/2023

A Revista Mental apresenta neste número uma série de artigos que tratam, sob diferentes ângulos, o tema do sofrimento psíquico e do seu tratamento, implicados nas diversas patologias e condições da nossa contemporaneidade. Boa parte dos textos mostra o vigor e o rigor da pesquisa científica psicanalítica praticada em diversas localidades das Minas Gerais, Brasília e Campinas. Há, ainda, um importante artigo de abordagem quantitativa sobre o impacto da pandemia de Covid-19 nos profissionais da Saúde em Altamira, no Pará (Kretli *et al*).

As estruturas psicóticas são perscrutadas a partir de um estudo do Seminário 3 de Jacques Lacan (Pereira & Pereira); o fenômeno de “ouvir vozes”, normalmente associado às psicoses, é abordado de forma original e exploratória a partir da experiência de um Grupo de Ouvidores de Vozes de uma cidade do interior mineiro (Moraes, Presti & Leite). Outro artigo propõe que se leve em conta a dimensão da espiritualidade dos indivíduos em crise psicótica, nem sempre indicadora, como é sabido, da evolução a uma esquizofrenia (Micas & Braga). Diferentes aspectos do tratamento das patologias são apresentados e/ou submetidos ao crivo de reflexões críticas, em perspectiva psicanalítica, nos artigos de Castro, Neves & Paravidini (clínica psicanalítica com adolescentes), no relato de um atendimento clínico por escrita, realizado durante a recente pandemia (Diniz e Paravidini), assim como nos dois trabalhos de Antonelli, Pereira & Carvalho, que tematizam excessos nos tratamentos psicofarmacológicos - não só de quem sofre transtornos mentais, mas também dos que, por motivos diversos, passaram à medicalização da vida, em geral.

Falamos de sofrimento psíquico. Objeto das religiões, da filosofia, das ciências antigas e modernas, objeto do senso comum que lhes atribui causas e origens pouco refletidas. Por isso mesmo, fáceis de serem capturadas, influenciadas ou mesmo, obliteradas pelos outros discursos citados. A proposta corajosa do artigo de Moraes, Presti & Leite, baseada na experiência com um grupo de ouvidores de vozes e em outras experiências de acolhimento desses, é a de que se recuperem de outras formas sentidos e tratamentos coletivos do fenômeno em questão. A propósito, tal fenômeno é tratado como normal por algumas religiões contemporâneas, sem que haja sobre suas crenças e práticas qualquer observação classificatória e normatizadora. A religião, apontada pelas autoras como “uma estratégia de enfrentamento do mal-estar” e a criação de dispositivos como aquele promovido por elas, é também outra forma de dar passagem ao que a loucura não tem como forma definida.

No centro do artigo citado, há considerações sobre como as práticas em saúde mental evoluíram de descritivas para classificatórias e, atualmente, medicamentosas,

preferencialmente. Este é o tema dos dois trabalhos de Antonelli, Pereira & Carvalho aqui publicados. No primeiro, apresentam o conceito de “farmaceuticalização” como escolha feita pelos próprios usuários, em favor de um tratamento farmacológico e em detrimento de outros recursos terapêuticos. Já não seria só uma escolha do médico prescrever psicofármacos. Ele também é produto de um contexto coletivo mais amplo no qual, por um lado, os pacientes insistem na demanda por drogas farmacológicas e, por outro lado, as grandes indústrias farmacêuticas incentivam as vendas. Podemos nos perguntar: que novas figuras de subjetividade estão surgindo, amparadas que estão, pela adição a substâncias químicas?

No segundo artigo, sobre a subjetividade e o psicofármaco, são apresentados oito fatores sociais estruturados socialmente e que explicam o aumento do número de diagnósticos e do consumo de medicação psicoativa. Aventa-se a ideia de que uma prótese farmacológica pode vir a substituir o sujeito, a ponto de se falar até em um *self* psicofarmacológico. Frente a isso, é apontado o lugar da psicanálise como aquele de resgate do sujeito do inconsciente, sem a necessidade de que a prática de sua escuta se oponha ao uso do medicamento.

Tratamentos de crises psicóticas para além do modelo farmacológico são mencionados no artigo de Mica e Braga, que problematizam os conceitos de psicose e emergência espiritual. Os autores defendem que algumas psicoses podem ser melhor entendidas por meio do paradigma da emergência espiritual/processo de renovação, os quais se definem como um processo transformativo no qual “a consciência de um indivíduo expande para além do nível ordinário de consciência vígil, podendo incluir estados de crise psicológica”. Numa outra abordagem, o próprio conceito de psicose, entendido como estrutura psíquica inconsciente, é o assunto do artigo de Pereira & Pereira num diálogo que fazem com o Seminário 3 do psiquiatra e psicanalista Jacques Lacan. Conceitos importantes do mestre francês, como os de objeto *a*, foraclusão, pequeno Outro e grande Outro, são visitados e trabalhados para a exposição da diferença entre as estruturas neurótica e psicótica.

Deixaremos o leitor na curiosidade criativa que o levará à leitura destes e dos outros artigos, igualmente interessantes: o de Castro, Neves e Paravadini, que trata das experiências singulares do adolescente em seu desamparo frente ao Real, e o artigo de Diniz e Paravadini, que aborda o tratamento psicanalítico pela escrita, tomando como eixo principal o conceito de transferência.

Reiteramos agradecimentos sempre renovados aos autores, colaboradores, comissão editorial, pareceristas do Conselho Científico, à nossa incentivadora e cuidadosa editora-chefe, à PRODIS e à Reitoria do UNIPAC pelo apoio que torna possível esta publicação.

Desejamos a todos uma ótima leitura!

Prof. Dr. Wanderley Magno de Carvalho
Editor-adjunto